

1891

Alegoria da República: O Tintureiro



Rubens B. Bezerra e Armando Ribeiro

Classificação RHM

O TINTUREIRO

Histórico da Emissão



A Proclamação da República

Com a **Proclamação da República** no dia 15 de novembro de 1889, no início do ano de 1890, foi emitida a série "Cruzeiro do Sul". A ela foi acrescentado, no ano de 1891, o selo com a efigie da República, multicolor, com o valor de 100 Réis, o **primeiro selo** de concepção Republicana, o porte mais comum para cartas simples internas, conhecido como "**Tintureiro**".

Para o porte mais comum, de 100 Réis, para as cartas simples, foram utilizados nos primeiros anos da República, além dos selos do Império, o 100 Réis do padrão "Cruzeiro" e esse mesmo valor tipografado, tendo o "Tintureiro" como **data oficial** de circulação o dia 1 de maio de 1891. Porém pelos jornais da época, o **início da circulação** se deu em 1 de junho de 1891.

Em trabalho sobre o "Tintureiro", descreve *Mário Branco*:

"Relata a História, que estando a Diretoria Geral dos Correios insatisfeita com o selo do valor 100 réis, do padrão 'Cruzeiro', nessa ocasião já tipografado e não mais gravado como de início, desbotável e de papel de má qualidade, divulgou o seguinte Edital: Diretoria Geral dos Correios - De ordem do Sr. Director Geral, faz público que, no prazo de trinta dias, contados desta data, serão postos em circulação **novos selos da taxa de 100 réis**, cuja descrição é a seguinte: Uma moldura rectangular limitando octógono, em cujo plano está a efigie da Republica, em tinta vermelha, direita. A parte do plano do retângulo não ocupada pelo octógono é constituída por um quadro formado de pequenos quadrados azuis e brancos alternadamente e fora deste quadrado há quatro retângulos cujo fundo é formado de rectas paralelas, à tinta vermelha. No retângulo da esquerda está escrita em caracteres azuis a palavra 'Correio'; no retângulo inferior a palavra 'Réis'; no da direita 'E.U. do Brazil' e no superior '100' -. Há além disto, ligeiros ornatos acima e abaixo do octógono e nos quatro cantos da moldura rectangular. 1ª Secção da Divisão Central, 1 de abril de 1891. O chefe Antonio T. da Silva Costa."



Alegoria da República



Alegoria da República

A TIRAGEM - A tiragem dos "Tintureiros", como dos demais selos ordinários é indeterminada e ocorre durante a sua vigência, sem predeterminação. Dois autores, filatelistas que muito se destacaram no passado, emitiram suas opiniões, que por sinal foram muito discrepantes. Para *Dorvelino Guatemozim*, a emissão total foi de 37.700.000 e para *Belarmino Pinheiro* foi bem menor, de **24.000.000**. Esta é tida como a **tiragem correta**, pois a primeira coincide com a tiragem do modelo emitido no ano seguinte, 1893, conhecido como "Cabecinha" ou "Vermelhinho".

Considerando-se que a maior parte da emissão, talvez oitenta por cento ou mais, tenha se perdido na correspondência leiga diária, outra parte inutilizada pelos carimbos com excesso de tinta, absorvida pelos papéis fofos, ficando imprestáveis para o colecionismo e mais uma parte se tenha estragado pelos afinamentos, dobraduras e outros danos, tão comuns nos papéis fracos, pouco sobrou para a filatelia.

Se bem observarmos, mesmo nos selos usados, a quantidade de selos em bom estado oferecida pelo comércio filatélico, é relativamente muito pequena. As peças que apresentam maior importância são poucas e atingem custo considerável. Os múltiplos, quadras e blocos maiores, sempre muito ornamentais para as coleções, são cotados em altos preços. Os selos novos são muito **escassos**.

Dos padrões dos selos ordinários, possivelmente o "**Tintureiro**" é o que apresenta **pior qualidade**, tanto intrínseca como física. Na filatelia tradicional, as más qualidades da confecção e do material empregado na fabricação é que proporcionaram os meios de se realizarem os estudos filatélicos mais detalhados, oferecendo elementos para a remontagem dos padrões. O fato ocorreu desde os "Cruzeiros" até o padrão "Netinha".

"TINTUREIROS" - Assim foram cognominados os selos emitidos em 1891. Pelo seu colorido *vermelho, azul e branco*, em muitas nuances e várias intensidades, cores essas que coincidiram com as da **bandeira francesa**, país que exercia grande influência universal na época; essa influência não deve ter ocorrido por acaso, se relacionarmos as cores com a efigie do selo, representada pela **efígie da liberdade, com seu barrete frígio**.



Ainda a forma dos quadrinhos azuis e brancos, contrastando com o vermelho do fundo, faz lembrar a quem viveu algumas décadas passadas, as portas das tinturarias que eram sempre decoradas com faixas multicoloridas, que as identificavam à distância.



A Liberdade Guiando o Povo

O "Tintureiro" só foi **retirado oficialmente de circulação em janeiro de 1916**, no entanto, muito antes desta data não circulavam mais. Sua substituição por outro selo foi feita na Casa da Moeda após um ano e meio de Circulação em virtude da pressão dos partidários do Império que chegavam até a colocar o Tintureiro nas cartas com a goma na frente, gerando uma série de mal entendidos.

Ensaio

Os ensaios, também chamados de ensaios do artista, são os esboços e os desenhos que não foram aprovados pelos agentes postais para comporem o selo. As razões para a não aprovação de um ensaio podem ser de **natureza técnica** (por exemplo, quando o desenho não se adapta ao espaço da vinheta do selo), ou ainda devido a **mudanças políticas, monetárias, administrativas** etc, que tornam o motivo da emissão **obsoleto**.



Padrão "Tintureiro"

O "Tintureiro" é um selo tendo no centro a **Efígie da República**, em cor vermelha, disposta num polígono com 8 (oito) lados, com a maior dimensão no sentido vertical. Esse polígono está encravado num quadro, com diversos ornatos, na cor azul.

Foi emitido em folhas com 100 selos, tipografados, na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, *picotagem de 11 a 14*, tendo neles sido utilizadas, *7 (sete) diferentes qualidades de papéis*. Contém o valor 100 na parte superior, e a palavra REIS na parte inferior. Do lado esquerdo a palavra CORREIO e do lado direito E.U. DO BRASIL.

Desenho de *Brenno Treidler*; gravura xilográfica do Sr. *Villas Bôas*; reprodução galvanoplástica do Sr. *José Gamarra*; impressão dirigida pelos Srs. *Gilberto Carbonelle e Rodolpho José da Costa*. Esses dados e outros detalhados encontram-se em interessante artigo de *Belarmino Pinheiro* publicado no "Brasil Philatelico", nº 35, referente aos meses de setembro/outubro de 1937, que, para esse fim, desenvolveu minuciosa pesquisa sobre o assunto.



Casa da Moeda do Brasil

No entanto, também no "Brasil Philatelico" nº 29/30, referente aos meses de setembro/outubro de 1936, o filatelista e pesquisador *A. Geisel*, dá notícia de interessante detalhe, de grande importância, inclusive porquê escapou aos falsificadores dos *têtes-bêches*.

Trecho do artigo, em que o assunto é abordado:

"A moldura deste selo é formada por linhas vermelhas verticais e horizontais cortadas no seu ponto de interseção por diagonais da mesma cor e circundadas por uma linha azul junto ao ângulo inferior direito. Isto e, ao lado direito do observador, se encontram, no espaço entre a terceira e a quarta linhas horizontais as letras 'FC', bem miudinhas, em tinta vermelha e, portanto, impressas com a moldura de enquadramento ou 'tarja', na linguagem da Casa da Moeda."



Continuando, *A. Geisel* esclarece que estas **duas letras** são as iniciais de **Francisco Carneiro**, emérito gravador da Casa da Moeda, cujo nome completo era *Francisco José Pinto Carneiro*. Além de gravador, *Francisco Carneiro* era desenhista, tendo uma carreira brilhante na Casa da Moeda, que durou 62 anos e 4 meses e, *as suas iniciais* no "Tintureiro" são uma **prova** evidente da sua contribuição na fabricação desses selos.

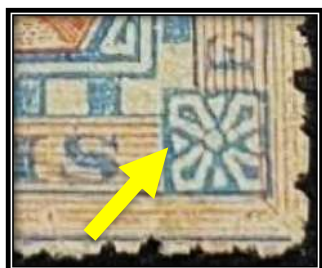
Os selos foram impressos em **duas chapas**, uma para o quadro e outra para o centro.

Para a impressão de uma folha eram necessários 100 galvanos do centro e 100 galvanos da moldura, imprimindo-se a folha em duas operações: primeiro a moldura azul e em seguida o centro rosa. Impressão *Tipográfica* na Casa da Moeda do Rio de Janeiro.

São conhecidos **dois tipos diferentes**, cuja distribuição na folha parece irregular.

Tipo I - Sem irregularidades no ornamento **triangular** inferior da direita em direção ao "S" de réis.

Tipo II - Com irregularidade (**bola branca** no referido lugar).



Tipo I



Tipo II



De acordo com a numeração existente nas margens das folhas, admite-se a **existência** de pelo menos 4 (quatro) chapas de clichês distintas, ignorando-se, todavia, o número de chapas de composições.

Cores

As cores básicas do "Tintureiro", são o **azul** e o **vermelho**, representando, no entanto, nuances nessas cores, enumerando o "**Catálogo de Selos do Brasil**", o mais utilizado no país, de propriedade do *Sr. Rolf Harald Meyer*, os seguintes dados:

Selo número **79**, Azul e Vermelho

- a - Ultramar e Vermelho
- b - Azul Esverdeado e Vermelho
- c - Azul e Carmim



79 – Azul e Vermelho



79a – Ultramar e Vermelho



79b – Azul Esverdeado e Vermelho



79c – Azul e Carmim

Outros autores, como *Clerot*, *Dorvelino Guatemozim*, *Roberto Thut*, adotam terminologia *diferente* com relação às cores.

As lavagens sucessivas, a ação do clima no Brasil, as diferentes qualidades dos papéis utilizados na fabricação do padrão, e, evidentemente, tintas de qualidades diferentes, fizeram com que uma série de nuances aparecessem nos exemplares circulados.

Observa-se que os papéis são mais claros e as cores mais vivas em exemplares oriundos da Europa, onde ficaram por muitos anos e com o **clima** mais adequado para a **conservação** das cores originais dos selos.

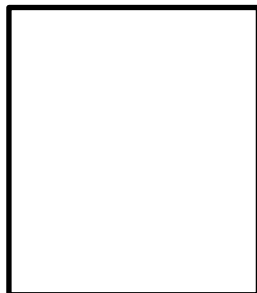
Cores

Classificação Especializada

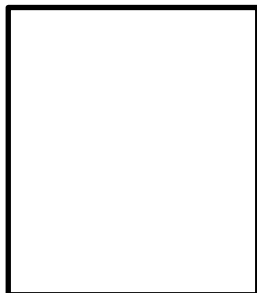
São sete (7) **cores** das molduras, sete (7) cores da efígie e sete (7) diferentes papéis. Observa-se ainda, que cada cor pode apresentar *três* diferentes tons: **forte, normal e fraco**.

O observador experiente pode detectar, de início, o *papel* do exemplar em estudo pela sua cor; o colecionador com espírito de pesquisador, confirmando com a técnica para a identificação dos papéis, e, dentro de pouco tempo, se sentirá firme para classificar um *tipo de papel pela cor do selo* em estudo.

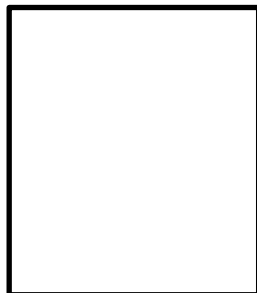
São as seguintes nuances detectadas pelos autores para as cores predominantes no quadro e no centro do "Tintureiro", respectivamente:



Azul Índigo



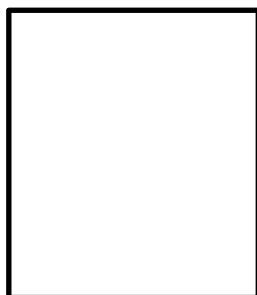
Azul Ultramar



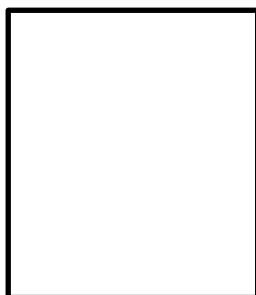
Azul Ultramar Ardósia



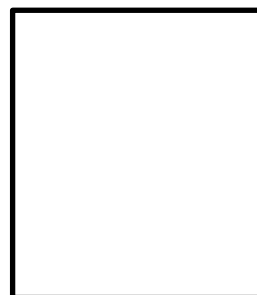
Azul Ultramar Cinza



Azul Cobalto



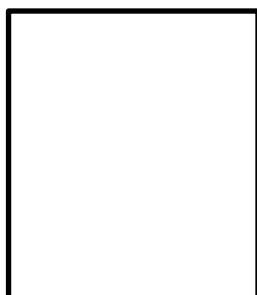
Azul Celeste



Azul Esverdeado



Carmim



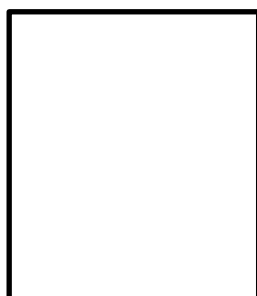
Carmim Pálido



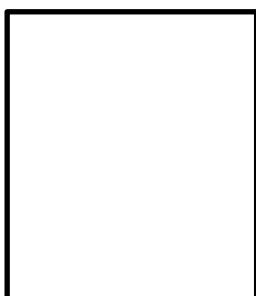
Vermelho Sangue



Vermelho Carmim



Vermelho



Vermelho Pardacento



Vermelho Tijolo

Dois pessoas diferentes dificilmente veem exatamente a mesma cor em um determinado objeto; por outro lado, o *azul*, e particularmente o *vermelho*, são cores *básicas* que podem oferecer uma vasta gama de nuances, à proporção que caminham para o branco.

Picotagem

No que diz respeito à picotagem, **varia de 11 a 14**, encontrando-se exemplares com **11½, 12½, 13½**, além de combinações das mais diferentes, dentro desse intervalo. **A picotagem padrão é considerada a 13.**

Deve-se considerar a picotagem 13 como **fina** e, a picotagem 11 como **grossa** , desconsiderando os valores intermediários que *nada vão acrescentar à classificação*. Essas duas denteações correspondem a máquinas de picotar **diferentes** . Segundo *Belarmino Pinheiro*, a primeira picotagem 12½ - 14 foi proveniente de duas diferentes máquinas de picotar: *a primeira adquirida em 1866, picotando 13½ - 14 e, a segunda picotando 12 - 12½*, utilizada na emissão de estampilhas (*selos fiscais*), adquirida pela Casa da Moeda em 17/04/1879. No começo de 1890, a Casa da Moeda adquiriu outra máquina para picotagem dos selos e estampilhas da série "*Cruzeiro do Sul*", esta comprada por intermédio do *Sr. Emilio Lambert*, tendo a bitola 11 - 11½.

A razão da denteação da emissão de 1891, o Tintureiro, não ser boa, muito irregular, deve-se ao fato de as máquinas de denteação fina terem na época muitos anos de uso, sem uma conservação adequada.

Nas primeiras tiragens de o "Tintureiro", foram usadas **exclusivamente** as máquinas de bitola fina. Somente a partir da utilização do papel "E", foram utilizadas com regularidade as máquinas com as duas denteações, fina e grossa. **Raramente** selos de o "Tintureiro" fabricados com os papéis "B", "C" e "D" aparecem com denteação 11 ou mista.

Apesar das dificuldades enfrentadas pela Casa da Moeda no início do regime republicano, no que diz respeito às denteações, *são desconhecidos* selos de o "Tintureiro" sem denteação.

Outrossim, *raramente* encontra-se selos com **denteação dupla**, quer horizontal ou vertical.

Essas diferentes picotagens foram utilizadas nos diversos tipos de papéis, gerando, por conseguinte, uma extensa gama de selos diferentes, requerendo do colecionador estudioso, cuidados especiais para obter um maior número de exemplares de cada tipo de papel para sua coleção. Tanto as máquinas de picotar na bitola grossa ou fina, picotavam em linha.

Portanto, depois de passados tantos anos, *difícil se torna ao colecionador*, obter todos os exemplares diferentes, mesmo sendo selos utilizados.

São **conhecidos** exemplares nos seguintes denteados:

- D1 - Fino - 12½ a 14
 - D2 - Grosso - 11 a 11½
 - D1 x D2 - Misto - 12½ - 14 x 11 - 11½
 - D2 x D1 - Misto - 11 - 11½ x 12½ - 14
-

CLASSIFICAÇÃO RHM Denteação Grossa – Denteação 11



79A - Azul e Vermelho



79B - Ultramar e Vermelho



Denteação Dupla

Denteação Mista



79C - Azul e Vermelho



79C1 - Azul Claro e Vermelho



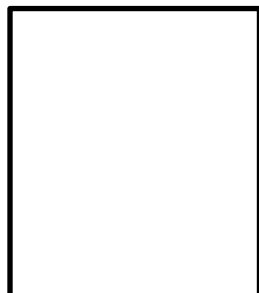
79D - Ultramar e Vermelho

Dentre os denteados mistos, tem-se ainda as denteações mistas irregulares com **as mais variadas combinações**.

Tipos de Papel

Com referência aos papéis, item da maior importância para o estudo desse e de outros padrões, os autores dedicaram particular atenção em suas pesquisas, por acharem ser esse o maior **obstáculo** para o principiante, e mesmo para colecionadores experientes.

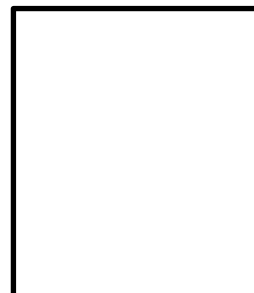
O "**Catálogo de Selos do Brasil 1989/90**" de *Rolf Harald Meyer*, anota apenas **três espécies de papéis**: *liso, fibroso, tramado*.



Papel Liso



Papel Fibroso



Papel Tramado

Para o colecionador que deseja se especializar, montando sua coleção com número maior de selos, adotando uma boa técnica, os autores dedicaram minuciosa atenção ao estudo dos papéis, com o que pensam ter resolvido o seu problema e o dos demais filatelistas que pelo assunto se interessarem, deste, e em alguns casos, esperam, de outros países.

O "**Catálogo de Selos do Brasil**", ano de 1949, de *Roberto Thut*, editado pela *Casa Filatélica Ariró*, distingue três espécies de papéis para o Tintureiro: *papel médio tramado, papel médio liso e papel liso pardacento*.

O "**Catálogo Brasil**", de *Dorvelino Guatemozim*, ano 1941, distingue os seguintes papéis: *papel branco de 5 pontos, papel branco de 6 pontos, papel de 7 pontos, papel de 8 pontos, papel amarelado de 7 pontos, papel de 9 pontos, papel tramado de 5 pontos, papel tramado de 7 pontos, papel tramado de 8 pontos, papel tramado amarelado de 8 pontos e ainda um papel tramado*, portanto 11 distintas qualidades de papéis, diferindo os selos nele especificados notadamente pelas suas picotagens, perfazendo um total de 239 unidades, incluindo todas as variedades.

Esclarece *Guatemozim* na terceira edição do seu catálogo, que não escreveria outra edição e, com referência à medida dos papéis, o seguinte:

"A medida de grossura de papéis, neste Catálogo, fez-se por micrómetro em selos não gomados. Este aparelho singelo e de precisão, traz a numeração de 0 a 100, equivalente a um milímetro. Cada número corresponde a um centésimo de milímetro. Cada divisão equivale a dez centésimos de milímetro ou um décimo de milímetro. Para evitar confusão, não usarei o termo MICRO ou DÉCIMO, e sim PONTO para designar a grossura de papéis, que varia de 2 a 12 pontos, do papel cebola ao cartonado".

Clerot no seu "**Catálogo Histórico dos Sellos Postaes do Brasil**", edição de 1926, distingue as seguintes variedades de papéis para o "Tintureiro":

- a) Papel Tramado Espesso Branco
- b) Papel Tramado Fino Branco
- c) Papel Tramado Áspero Amarelado
- d) Papel Tramado Áspero Fino, Amarelado
- e) Papel Tramado Áspero Branco
- f) Papel Tramado Áspero Fino
- g) Papel Liso Fino Branco
- h) Papel Costeado

Na sua "**Terminologia Filatélica**", assim são definidos por *Clerot* os papéis que integram a lista acima:

- "**Papel tramado**: Tradução de papel *Grené* (em francês); denomina-se assim o papel em cuja espessura aparece por transparência uma trama ou quadricula finíssima".

- "**Papel costeado**: Tradução de papel *Côtelé* (em francês); denomina-se assim o papel que apresenta betas ou listras na superfície, ou seja, numa das faces, isto é, fora da massa (Geralmente estas listras são menos espaçadas e mais finas do que as do papel betado)".

- "**Papel betado**: Tradução de papel *Vergé* (em francês); de beta, listra, filão, veio, denomina-se assim o papel em cuja massa notam-se listras paralelas incolores, marcadas na espessura do papel".

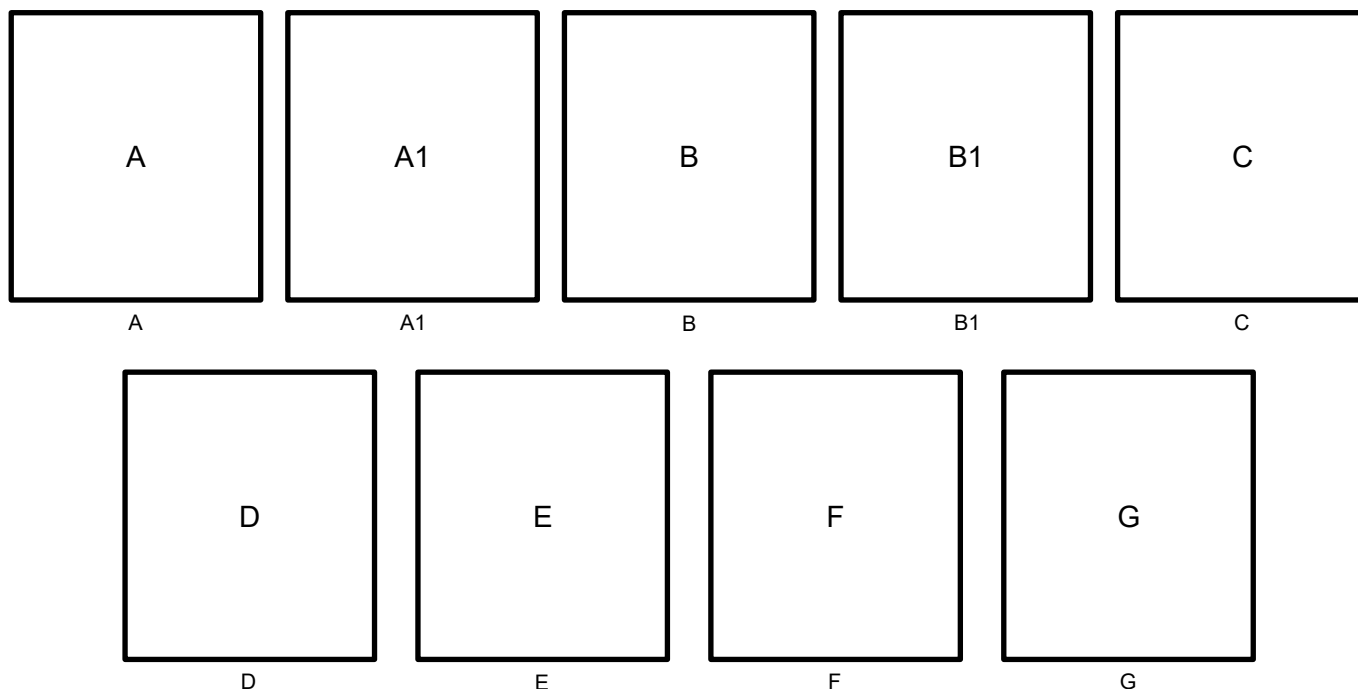
O **Catálogo de Selos do Brasil**, edição de 1967, *Santos Leitão & Cia. Ltda.*, distingue 3 (três) qualidades de papéis para o Tintureiro: *Papel liso, Papel tramado e Papel pardacento*.

Tipos de Papel

Classificação Especializada

Adotando também o ponto de vista de que os selos se diferenciam pela qualidade dos papéis neles empregados, os autores dedicaram capítulo especial para esse importante item da Filatelia, dada a dificuldade que apresenta, sobrepondo-se à distinção das filigranas e picotagens. Atribui-se ao "Tintureiro" **sete diferentes papéis e duas variantes**, que se consegue identificar a seguir:

A - A1 - B - B1 - C - D - E - F - G



PAPEL	ESPESSURA (MICRA)	ESTRUTURA	TRAMA	ASPECTO DA SUPERFÍCIE	TRANSPARÊNCIA	COR DO PAPEL	FILIGRANA	SOB LUZ ULTRA-VIOLETA
A	85-95	Difusa, fofo poroso	Fraca horizontal sem tratamento	Sem brilho, áspero, aspecto de feltro,	Opaco	Pardacento	Vertical	Centros ligeiramente luminescentes
A1	85	Difusa, fofo poroso	Mais visível sem tratamento	Sem brilho, áspero, aspecto de feltro,	Opaco	Pardacento	Vertical	Centros não luminescentes
B	90-105	Difusa, porosidade nula, ligeiramente vertical, duro	Fraca, predominantemente vertical, com tratamento	Frente lisa, verso áspero, brilho regular, acartonado,	Opaco	Branco	Horizontal	Molduras luminescentes em algumas nuances
B1	90	Difusa, porosidade nula, horizontal menos duro	Fraca (ou vertical)	Frente lisa, verso áspero, brilho regular, não acartonado, com tratamento	Opaco	Branco	Horizontal	Molduras luminescentes em algumas nuances
C	60	Difusa, porosidade nula, duro	Fraca, exclusivamente vertical	Frente lisa, verso áspero, brilho regular, sem tratamento	Opaco	De branco a pardacento	Horizontal	Molduras luminescentes em algumas nuances
D	50-60	Difusa, porosidade nula, duro	Fraca, exclusivamente horizontal	Lisa, acetinado nos dois lados, brilho mais forte, sem tratamento	De translúcido a opaco	Muito branco	Vertical	Todas as molduras são luminescentes
E	50-70	Difusa, porosidade nula, fofo	Forte, intencional exclusivamente horizontal	Lisa, brilho regular sem tratamento	De translúcido a opaco	Branco	Vertical	Molduras luminescentes em algumas nuances
F	75-85	Difusa, porosidade nula, duro	Fraca, horizontal ou vertical	Lisa, acetinado na frente, brilho mais forte, com tratamento	Opaco	Branco	Vertical horizontal	Não há luminescência
G	50-60	Difusa, porosidade nula, duro	Fraca, predominantemente vertical	Lisa, apergaminhado sem tratamento	De translúcido a opaco	Pardacento	Horizontal	Não há luminescência

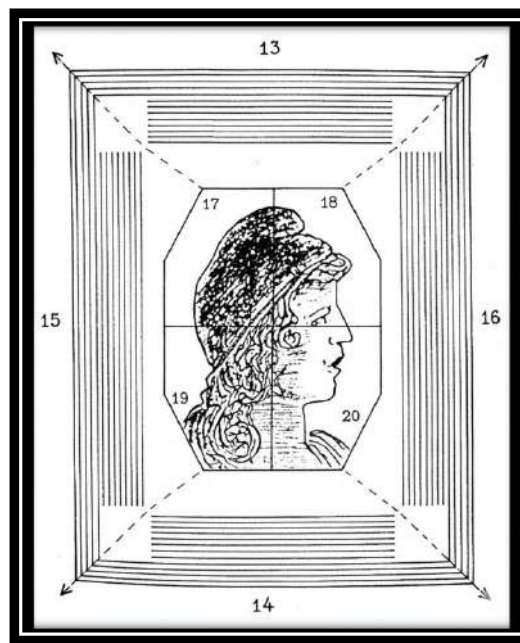
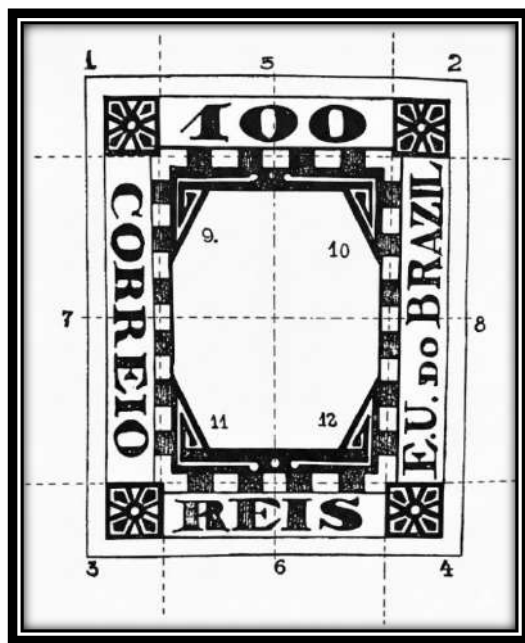
PAPEL	ESPESSURA (MICRA)	ESTRUTURA	TRAMA	ASPECTO DA SUPERFÍCIE	TRANSPARÊNCIA	COR DO PAPEL	FILIGRANA	SOB LUZ ULTRA-VIOLETA
A	85-95	Difusa, fofo poroso	Fraca horizontal sem tratamento	Sem brilho, áspero, aspecto de feltro,	Opaco	Pardacento	Vertical	Centros ligeiramente luminescentes
A1	85	Difusa, fofo poroso	Mais visível sem tratamento	Sem brilho, áspero, aspecto de feltro,	Opaco	Pardacento	Vertical	Centros não luminescentes
B	90-105	Difusa, porosidade nula, ligeiramente vertical, duro	Fraca, predominantemente vertical, com tratamento	Frente lisa, verso áspero, brilho regular, acartonado,	Opaco	Branco	Horizontal	Molduras luminescentes em algumas nuances
B1	90	Difusa, porosidade nula, horizontal menos duro	Fraca (ou vertical)	Frente lisa, verso áspero, brilho regular, não acartonado, com tratamento	Opaco	Branco	Horizontal	Molduras luminescentes em algumas nuances
C	60	Difusa, porosidade nula, duro	Fraca, exclusivamente vertical	Frente lisa, verso áspero, brilho regular, sem tratamento	Opaco	De branco a pardacento	Horizontal	Molduras luminescentes em algumas nuances
D	50-60	Difusa, porosidade nula, duro	Fraca, exclusivamente horizontal	Lisa, acetinado nos dois lados, brilho mais forte, sem tratamento	De translúcido a opaco	Muito branco	Vertical	Todas as molduras são luminescentes
E	50-70	Difusa, porosidade nula, fofo	Forte, intencional exclusivamente horizontal	Lisa, brilho regular sem tratamento	De translúcido a opaco	Branco	Vertical	Molduras luminescentes em algumas nuances
F	75-85	Difusa, porosidade nula, duro	Fraca, horizontal ou vertical	Lisa, acetinado na frente, brilho mais forte, com tratamento	Opaco	Branco	Vertical horizontal	Não há luminescência
G	50-60	Difusa, porosidade nula, duro	Fraca, predominantemente vertical	Lisa, apergaminhado sem tratamento	De translúcido a opaco	Pardacento	Horizontal	Não há luminescência

Defeitos de Impressão

Com a finalidade de *facilitar* a localização dos defeitos de impressão, *Mário Branco* dividiu a imagem de um selo que, como foi visto, foi formada por **duas chapas**, em áreas que numerou convenientemente, como se vê nos dois desenhos esquemáticos que se seguem.

O desenho da chapa azul, mais complexo, foi dividido em doze áreas, numeradas de 1 a 12. A chapa do vermelho foi dividida em oito áreas, numeradas de 13 a 20.

A Localização dos Defeitos das Chapas



As Áreas da Chapa Azul

Áreas 1 e 2 - representadas pelos *dois florões superiores*, 1 - o florão da direita do selo e 2 - o florão da esquerda.

Áreas 3 e 4 - representam os *dois florões inferiores*, 3 - o da direita e 4 - o da esquerda.

Área 5 - é o retângulo entre os florões, que contém a legenda "**100**".

Área 6 - é o retângulo entre os florões inferiores, que contém a legenda "**RÉIS**".

Área 7 - é o retângulo vertical da direita, ocupado pela legenda "**E.U. do BRAZIL**".

Área 8 - é o retângulo vertical da esquerda, ocupado pela legenda "**CORREIO**".

Áreas 9, 10, 11 e 12 - representam a *parte central*. A complexidade do desenho motivou a sua divisão em quatro áreas, por uma cruz que corta pelo meio cada um dos lados, formando quatro ângulos. As áreas 9 e 10, representam os ângulos superiores, direito e esquerdo, respectivamente.

As áreas 11 e 12, representam os ângulos inferiores direito e esquerdo, respectivamente. A complexidade do desenho desses segmentos, obrigará maior detalhe na descrição da localização e forma do defeito da chapa; com a prática, essas dificuldades desaparecerão.

As Áreas da Chapa Vermelha

Formada pela cercadura de linhas paralelas e pela *efígie*, que por sua vez é contornada por um octógono. A chapa vermelha foi dividida em oito áreas, sendo quatro da cercadura de linhas paralelas e quatro da efígie e octógono que a cerca, incluindo a parte branca que circunda a efígie.

Cercadura: unindo por diagonais os seus ângulos opostos temos:

Área 13 - formada pelas linhas paralelas horizontais do lado superior.

Área 14 - formada pelas linhas paralelas horizontais do lado inferior.

Área 15 - formada pelas linhas paralelas verticais do lado direito.

Área 16 - formada pelas linhas paralelas verticais do lado esquerdo.

Centro: é formado pela efígie, pelo octógono que a delimita e pelo espaço branco que a contorna. Esse conjunto é dividido por uma cruz produzindo quatro áreas numeradas de 17 a 20.

Área 17 - ocupada pela parte super-posterior da cabeça e pelo $\frac{1}{4}$ superior direito do octógono.

Área 18 - ocupada pela parte anterior da cabeça, fronte, até o nariz e o $\frac{1}{4}$ superior esquerdo do octógono.

Área 19 - ocupada pela nuca e ombro direito e pelo $\frac{1}{4}$ inferior direito do octógono.

Área 20 - ocupada pela parte inferior da **face**, anterior do pescoço e **ombro** esquerdo e pelo $\frac{1}{4}$ inferior esquerdo do octógono.

Nota: A referência de direita e esquerda está espelhada, do ponto de vista da efígie.

Defeitos e Variedades – Classificação RHM

Área 8 - Retângulo Vertical da Esquerda, Ocupado Pela Legenda "CORREIO"



79E – **CORRBIO** ao invés de CORREIO



79F – **CORRELO** ao invés de CORREIO

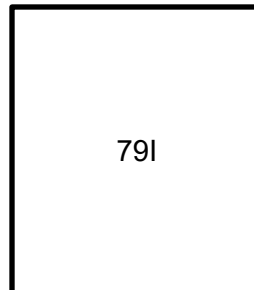
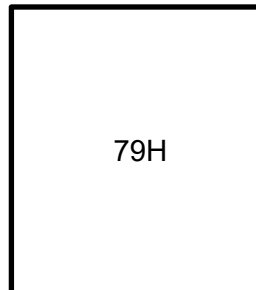


79G – **CORRDIO** ao invés de CORREIO

Área 19 - Ocupada Pela Nuca e **Ombro** Direito e Pelo ¼ Inferior Direito do Octógono



79H – Ombro Aberto



79I – Triângulo no Ombro



Área 7 - É o Retângulo Vertical da Direita, Ocupado Pela Legenda "E.U. do BRAZIL"



79J – "E" de "E U. do Brazil" Sem Ponto

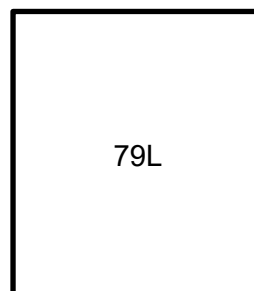


79K – "U" de "E. U do Brazil" Sem Ponto



79K1 – "E" e "U" de "E U do Brazil" Sem Ponto

Área 18 - Ocupada Pela Parte Anterior da Cabeça, Fronte, Até o Nariz e o ¼ Superior Esquerdo do Octógono



79L – Com Risco no Rosto

Decalque



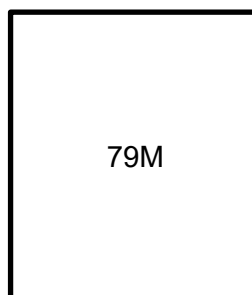
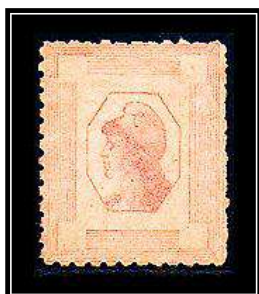
79MFI – 100rs, Com Efigie (Vermelho) no Verso do Selo, Sobrecarta

DECALQUE: Marca deixada no verso de um selo, pela tinta fresca do selo que ficou abaixo, durante a **impressão** das folhas.

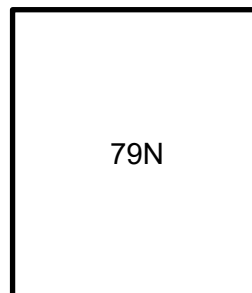
Com referência ao DECALQUE no verso, encontramos decalques da **moldura em azul** e decalques do **centro em vermelho**. Esses decalques são relativamente comuns quando isolados, isto é, das molduras ou dos centros. **Decalques da moldura e do centro simultâneos, são muito escassos.**

Procurando sempre o ajuste com as expressões utilizadas pelos filatelistas, utiliza-se a palavra **decalque**, que ocorre nas molduras e nos centros, às vezes assimétricos em relação aos desenhos da frente dos selos e, na maioria das vezes, de maneira simétrica em relação às margens da frente dos selos.

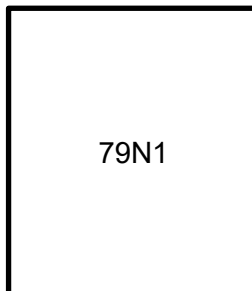
O filatelista *Campos da Paz*, sob o pseudônimo de ZAP, expõe suas pesquisas sobre a Emissão de 1891, isto é, o "Tintureiro", classifica a "impressão no verso", ora do quadro, ora do centro, como **variedades**. Procura na fina espessura do papel, aliada à natureza e à qualidade das tintas empregadas, a explicação para o fato, fixando-se na *natureza das tintas*.



79M – Com Efigie (Vermelho) no Verso do Selo



79N – Com Quadro (Azul) no Verso do Selo



79N1 – Com Quadro (Azul) e Efigie (Vermelho) no Verso do Selo

O Quadro Invertido e o Par Inverso (Tête-Bêche)



790FI – 100rs, Com Quadro Invertido, Sobrecarta

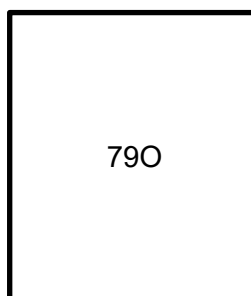
Na revista "Brasil Filatélico", nº 12, de novembro/dezembro de 1993, o *Sr. Roberto Thut* escreve interessante trabalho sobre o tête-bêche. Qualquer estudo sobre o quadro invertido e o tête-bêche, terá que ser feito sobre a literatura existente, já que o preço atingido por uma dessas variedades torna proibitivo adquiri-las em número significativo.

Nas pesquisas da literatura existente, cabe-se ressaltar o artigo de *Belarmino Pinheiro*, em "Seleções Filatélicas" de abril de 1938 pois se trata de uma "testemunha ocular", que trabalhava na Casa da Moeda em 1891, quando do aparecimento do "quadro invertido" e o "par inverso" (*tête-bêche*) de o "Tintureiro".

Inicia *Belarmino Pinheiro* explicando que em virtude do desenho do Tintureiro, os galvanos retinham nos claros da imagem parcelas de tinta, deixadas pelos rolos "tintadores", fazendo com que fosse preciso **limpá-los**, trabalho esse que era feito pelos aprendizes de gravura e, "geralmente pelo autor desse trabalho".

Do exposto, se observa que o testemunho de *Belarmino Pinheiro* é importantíssimo para a explicação do que aconteceu.

Continuando, explica que alguns galvanos precisavam, às vezes, serem soltos, para que, depois de limpos, fossem colocados no mesmo lugar para ser feita a impressão das folhas dos selos, "*tornando-se bem possível em tais operações que ficasse algum galvano em sentido inverso ao que deveria ocupar na estampa*".



790 – Com Quadro Invertido



79P – 100rs, Selos Opostos, Um Com Risco no Rosto, Sobrecarta

Em seguida, esclarece que esse engano poderia com facilidade se dar com relação ao "quadro" do Tintureiro, sendo **mais difícil com a efígie**, por razões de ordem operacional da impressão; concluindo, "corrigindo o erro, desde que não tivesse a intenção de corrigi-lo" e, ainda mais incisivamente "*Pelo exposto, vemos que também nesse caso se tornaria bastante difícil a impressão intencional de 'cabeças viradas', sendo porém muito fácil, como mais uma vez o dizemos, que tal se desse com o quadro, o que está de acordo com a opinião dos mais acatados filatelistas*".

Enfim, segundo *Belarmino Pinheiro*, **os pares inversos dificilmente podem ser aceitos como casuais**.

Continuando com uma série de explicações de ordem técnica sobre a maneira como eram impressos os selos tipográficos na oficina de Xilo-quimi-gravura e a gomagem e picotagem na Estamparia, oferece sua explicação final.

Diz que na época em que se fazia a impressão do Tintureiro, a Casa da Moeda era frequentada por um ilustre oficial da Marinha que, certa vez, justamente na ocasião em que se fazia a impressão dos selos, lá compareceu "*um distinto funcionário do Correio que dirigia uma secção filatélica em revista da repartição postal e que, por esse motivo, mostrou-se muito interessado com a impressão dos selos chegando junto à máquina no momento em que fazíamos um dos retoques dos galvanos a que nos referimos acima*".

Continuando, acrescenta que "*A atenção do curioso observador (Dr. Mário de Souza, grande advogado e ilustre filatelista) fez-se sentir de tal forma que, em um momento "descobriu" a existência de um 'quadro virado' no meio da folha e que assim tinha sido impresso em algumas folhas antes da máquina parar para os retoques*".



79P



79P – 100+100rs, Selos Opostos, Um Com Risco no Rosto



79Q



79Q – 100+100rs, Selos Opostos, Sem Risco no Rosto



79R – 100+100rs, Quadros Opostos

Pelas pesquisas, assim nasceu o **tête-bêche** do "Tintureiro" não restando dúvida porém, segundo *Roberto Thut* e *Dr. Hildegardo de Carvalho* por exemplo, que a permanência daquela **cabeça virada** naquela chapa ou matriz, foi para atender a pedido de funcionários vendedores de selos nos quichês, que destacavam das folhas os **tête-bêches**, para vendê-los depois a colecionadores por preço mais alto.

Número de Chapa na Margem

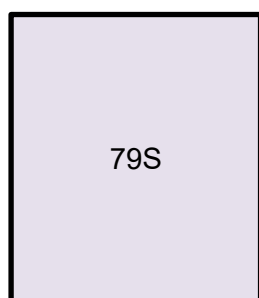
Bastante interessante são os exemplares contendo os algarismos 1, 2, 3 e 4 nas **margens verticais** de determinados exemplares, estando estes algarismos impressos na **cor vermelha**, parece evidente que indicam o número de chapas ou matrizes de clichês, estes algarismos com 6 mm de altura são sempre encontrados, com alguma dificuldade, na parte superior das margens verticais dos selos, os algarismos 2 e 4 na margem esquerda e os algarismos 1 e 3 na margem direita. Essa dificuldade decorre da operação destinada a picotar os selos, notadamente para o número 1, pelo seu perfil fino e alongado.

Supõe-se que idêntico número de chapas ou matrizes de composições devem ter sido confeccionadas, uma vez que o "Tintureiro" era impresso em duas operações e o seu número foi bastante elevado.

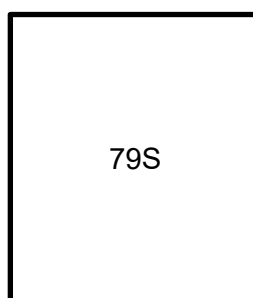
Apenas um exemplar do algarismo "1" é conhecido, e que pelo menos um selo afirmando possuir um algarismo "1" foi vendido nos últimos anos, mas mesmo as grandes coleções parecem não ter qualquer exemplar. A forma longa e fina do algarismo "1" o torna particularmente *suscetível à inutilização* pelas denteações. No entanto, várias autoridades e comerciantes brasileiros **questionam** a existência deste algarismo. Outros colecionadores mais antigos de selos brasileiros sugeriram que **não existiu** nenhum algarismo na primeira chapa (*ou impressão*), e que os algarismos 2, 3 e 4 indicam impressões subsequentes.



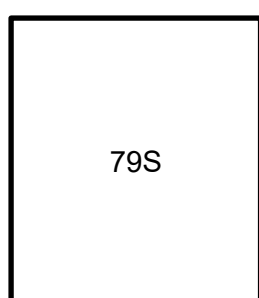
Imagem **Modificada**
Para Ilustração



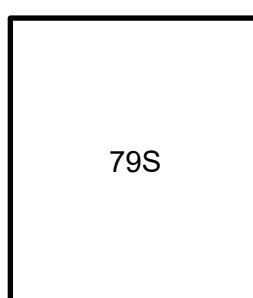
79S – Com Número de
Chapa 1 na Margem



79S – Com Número de
Chapa 2 na Margem



79S – Com Número de
Chapa 3 na Margem



79S – Com Número de
Chapa 4 na Margem



Também são encontrados **pontos vermelhos na margem** superior e na margem inferior de tamanho e forma variadas, em localizações diversas, que são provavelmente alguma forma de marcador (controle, registro ou identificador) que foi colocado na folha para um ou mais **experimentos**, de **curta duração**, com o processo de impressão. Os pontos vermelhos marginais só ocorrem em selos com **azul ultramar e vermelho**. Eles nunca aparecem em selos com quadros azuis ou azuis esverdeados, ou efígies em carmim. Todos os pontos marginais aparecem em papel dos tipos "F" ou "G".



BRASIL, TINTUREIRO, tiragem horizontal usada
com **ponto vermelho** na margem inferior

Selo Tipo, Defeito, Erro, Variedade, Curiosidade, Generalidades

Do ponto de vista **filatélico**, interessa ao colecionador os selos que apresentam **imperfeições**, resultantes de *variadas causas* durante o *processo de fabricação*. Essas imperfeições fazem com que esses exemplares apresentem alguma diferença do selo tipo.

Assumem os autores que selo tipo ou selo normal, é aquele que **em primeiro lugar foi emitido**.

Esse posicionamento é mais compatível com o que tem acontecido no Brasil, devendo os selos emitidos posteriormente, apresentando diferença dos primeiros, serem considerados **variedades**.

Variedade: É o selo que apresenta falhas, matizes, ou particularidades pequenas diferentes do selo tipo.

As variedades podem ser oriundas de qualquer estágio durante a emissão de um selo, diferindo do selo tipo ou selo padrão normal, no seu desenho, cor, qualidade do papel etc.

É importante, do ponto de vista filatélico, ficar constatado se esse erro sistemático decorreu de um **engano** durante o processo de fabricação, ou se foi originado de um procedimento **voluntário**.

Erro: Do ponto de vista filatélico, é um **engano** ocorrido durante o processo de fabricação de um selo.

Do ponto de vista filatélico, **curiosidade** pode ser entendida com uma peça que apresenta alguma coisa diferente, acontecida de maneira **aleatória** durante o processo de fabricação.

Por exemplo, um selo apresentando os picotes da parte inferior cortando uma informação constante no mesmo como o seu valor, se constitua numa curiosidade.

As variedades **mais importantes**, pelo menos na filatelia brasileira, são aquelas originadas por **defeitos nas matrizes** com as quais os selos são fabricados. Um defeito numa matriz se **repetirá** até que ele seja **corrigido**, afetando **todos** os selos com ela impressos.



79T – 100+100, Par de Quadros Invertidos



79U – 100+100, Par, Um Selo Sem o Vermelho



79PG – Papel Grosso
Acima de 100 Micra



79DDV – Com Impressão
Dupla no Vermelho

Filigranas - Nos papéis utilizados nas sucessivas emissões do "Tintureiro" não houve filigranas intencionais, porém, foram encontradas filigranas não intencionais, denominadas de **Filigrana de Sutura**.



79FS – Com Filigrana de Sutura



79SD – Sem Denteação



79SDV – Sem Denteação Entre os Selos, Par

"Tipos", são, de fato, variedades oriundas de mudanças nos desenhos retratados pelas matrizes originais.

Os desenhos são **aparentemente** idênticos, havendo mudanças de certos *detalhes* em parte das matrizes ou chapas, como acréscimos de pontos, interrupção de linhas nos desenhos dos florões, enfim, são pequenas diferenças que para serem identificadas, necessitam de uma maior **atenção** por parte dos colecionadores.

Obliterações

Segundo *Mário de Sanctis*: "Os selos representam o *corpo* de nossas coleções e os carimbos, sua *alma*".



100rs nas Cores Azul e Carmim; Sobrecarta Enviada para Sorocaba/SP com Carimbo do Barrete Frígio



No início da **República** foram utilizados os mais diversos tipos de oblitações, inclusive os carimbos do **Império**. É interessante notar o carimbo com o barrete frígio, aquele que mais legitimamente simboliza a República, pois, como se sabe, era um **barrete vermelho utilizado na França** na primeira República; não é um carimbo comum, pelo contrário, difícil de ser encontrado.

Existem oblitações oriundas do Império, tendo como principais exemplos os carimbos mudos com as mais diversas formas, como raiados, círculo com ponto e ponteados, carimbos mudos e mistos grafados numa mesma oblitação. De uma maneira geral os carimbos mudos aplicados nos Tintureiros são menos graciosos do que os utilizados no tempo do Império.

É evidente que depois da Proclamação da República, tenham os Correios procurado **evitar**, de todas as maneiras, a **utilização** de selos do Império para portear a correspondência, bem como a oblitação com os carimbos oriundos daquela época, o que só foi conseguido pouco a pouco, em virtude da extensão territorial do Brasil e com as dificuldades enormes dos meios de comunicação.

Existem oblitações **manuscritas** com nomes, datas, ou simplesmente **riscos de tinta**, simples ou múltiplos; também encontramos oblitações **mistas** nas quais os selos foram carimbados e, ao mesmo tempo, completadas em manuscrito a data, com ano, mês ou dia. São também encontrados, com alguma frequência, os carimbos oficiais de **registrado**, **correspondência avulsa**, **D.P.**, **14P.**, **expressa** e **depois da hora**.

Ainda provenientes do Império, encontramos carimbos circulares, com ou sem florão, circulares tipo francês e carimbos com sinete. Circulares da República são encontrados com mais facilidade, existindo com raridade os carimbos circulares com anotação de **registrado**. Com maior grau de raridade, encontramos ambulantes circulares, ambulantes retangulares, fluviais como Vapor, União e, Cia. de

Navegação do Lageado. São escassos os carimbos circulares sem o **datador** e os carimbos **estrangeiros**. É conhecido também selos carimbados no verso e envelopes porteados com selos com **decalque** no verso, tendo o carimbo sido **aplicado** no decalque.



BRASIL, TINTUREIRO, circulado, carimbo de Santos c/ a data de **19/08/90**, sendo que o selo só foi lançado em junho de 1891



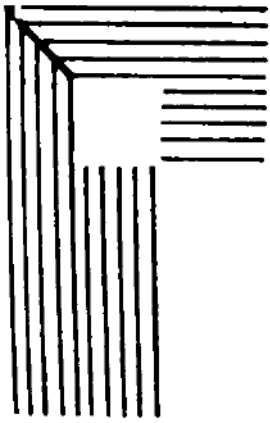
BRASIL, TINTUREIRO, circulado, carimbo de Sorocaba c/ a data de **26/04/92**.



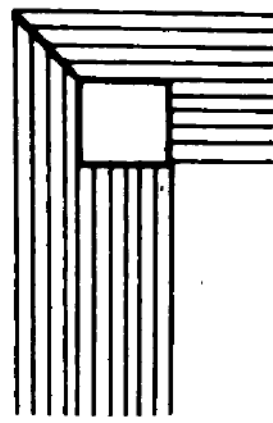
De um modo geral, os "Tintureiros" são carimbados com tinta **preta**, sendo mais **escassos** carimbos nas cores **violeta**, **vermelha**, **lilás**, **verde** e **azul**.

Falsificações

Característica	Selo Legítimo	Selo Falsificado (Tipos de Fraude)
Processo/ Placas	Impressão Tipográfica . Utiliza duas chapas : uma para o quadro (azul) e uma para o centro (rosa/vermelho).	Impressão geralmente Litográfica .
Iniciais "F.C."	As iniciais " F.C. " (de Francisco Carneiro) são colocadas no ângulo inferior direito da moldura.	As iniciais " F.C. " não foram colocadas no selo falso.
Linha Branca na Efigie	O par invertido dos primeiros aparecidos possui uma linha branca atravessando a cabeça da efigie (indício de autenticidade). Outros pares legítimos podem não ter a linha.	Todos os falsificados conhecidos na Suíça e Itália apareceram sem a linha branca atravessando a cabeça da efigie.
Quadro (Moldura)	Não existe um quadro formado por uma linha vermelha contornando o quadrado em linha azul com o florão.	Existe um quadro formado por uma linha vermelha, contornando o quadrado em linha azul com o florão no seu interior.
Linha Vermelha de Deflexão	A primeira linha vermelha que passa abaixo da linha azul (<i>acima do valor 100</i> e abaixo dessa linha) sofre uma ligeira deflexão ao penetrar no quadro com o florão.	Essa linha vermelha para na linha azul do quadrado com o florão no seu interior (ou seja, não sofre deflexão).
Número de Linhas Vermelhas	A "linha baliza" (linha azul que delimita externamente) é delimitada por 8 (oito) linhas vermelhas , incluindo a linha que sofre deflexão.	A "linha baliza" é delimitada por apenas 7 (sete) linhas vermelhas .
Cores Básicas e Nuances	Azul & Vermelho . Nuances catalogadas: ultramar & vermelho, azul esverdeado & vermelho, azul & carmim.	As falsificações visam imitar essas cores.
TÊTE-BÊCHE (Linha na Efigie)	O par invertido dos primeiros aparecidos possui uma linha branca atravessando a cabeça. Outros pares circulados não a possuem.	Falsificações conhecidas na Suíça e Itália apareceram sem a linha branca atravessando a cabeça.
TÊTE-BÊCHE (Contorno/ Linhas)	Não possui quadro vermelho contornando o quadrado em linha azul. Contém 8 (oito) linhas vermelhas na área da "linha baliza", com a linha superior sofrendo deflexão .	Possui um quadro vermelho contornando o quadrado em linha azul com o florão. Contém apenas 7 (sete) linhas vermelhas . A linha superior para na linha azul (não sofre deflexão).
Picotagem (Denteação)	Varia de 11 a 14 , com a 13 considerada a padrão. Foram usadas máquinas de bitola fina e grossa.	Falsificações sem denteação apareceram no mercado (identificação principal é a falta da picotagem).
Papel/Espessura (Selos sem denteação)	Geralmente 50 a 105 micras.	Papel mais grosso, com 100/110 micra . Literatura aponta exemplares com papel mole e 60 micras .
Papel/Espessura (Quadro Invertido/ Opostos)	Geralmente 50 a 105 micras.	Papel tramado, duro, com 80 a 90 micra de espessura.
Carimbos Falsos	Carimbos de circulação normal.	Carimbos com nome de cidade grafado errado (ex: ITAJARY ao invés de Itajaí).



LEGÍTIMO



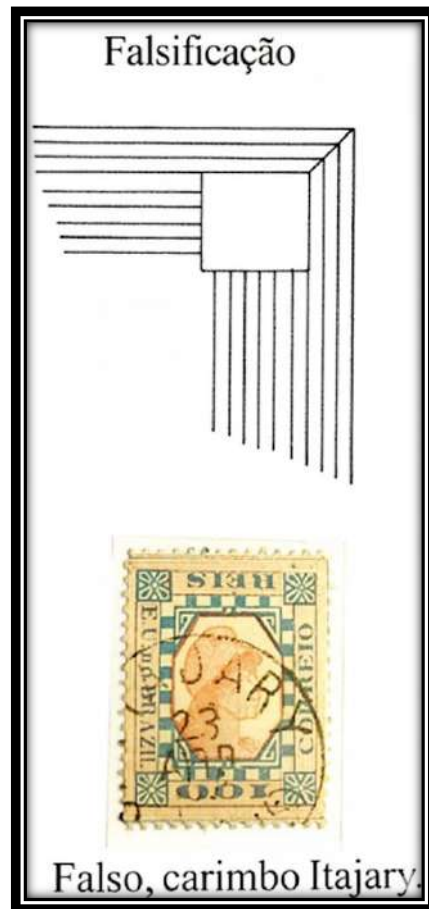
FALSO



Para se diferenciar o falso do legítimo, basta observar as linhas **rosas** que contornam o quadro do selo. Se elas forem interrompidas, por outra linha rosa, o selo é **falso**.



Autêntico

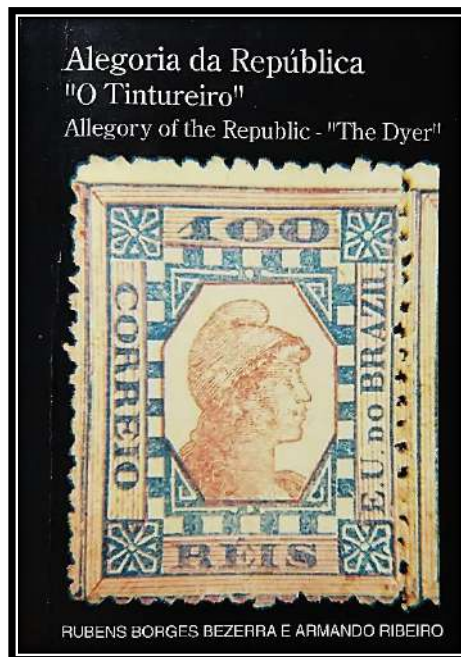


Falso, carimbo Itajary.



Envelopes

Envelopes



O selo "**Tintureiro**" (100 Réis, 1891), primeiro de concepção republicana e de porte mais comum, foi lançado após a série "Cruzeiro do Sul" (1890) e antes do "Cabecinha" (1893), marcando o fortalecimento do novo regime republicano. Sua emissão se deu porque o selo anterior de 100 Réis (padrão "Cruzeiro") era de má qualidade e desbotável. O selo foi cognominado "Tintureiro" devido às suas cores (vermelho, azul e branco), que remetiam tanto à bandeira francesa e seu simbolismo de Liberdade, quanto às portas multicoloridas das tinturarias da época. Oficialmente retirado de circulação em 1916.

Sobre o álbum:

Elaborado pelo colecionador João Sanches e disponibilizado gratuitamente na internet para aqueles que desejarem organizar dessa forma a sua coleção. Agradecimentos especiais a Rubens Borges Bezerra e Armando Ribeiro (*Os autores de fato de todo esse estudo*), Mário Branco, Belarmino Pinheiro, Campos da Paz, Dorvelino Guatemozim, Nova Monteiro, A. Geisel, M. F. Araújo, Fernando Ronna, Ângelo Zioni, Hildegardo de Carvalho, Helmuth Ponge, José Kloke, Roberto Thut, José Baffe, RHM, José Luiz Fevereiro, Beto Asseff, Ken Deaver, Roberto Aniche, Cláudio Neumann, Remígio de Bellido, Gilberto Tenor e a todos os filatelistas pioneiros nesse estudo.

Esse trabalho não tem fins lucrativos e é sujeito a erros e críticas, estando seu desenvolvedor disponível para sugestões e orientações.

Foi utilizado o seguinte livro para orientação no desenvolvimento desse álbum:

- **Alegoria da República "O Tintureiro"**, Rubens Borges Bezerra e Armando Ribeiro, 1996.

Disponível gratuitamente no seguinte site:

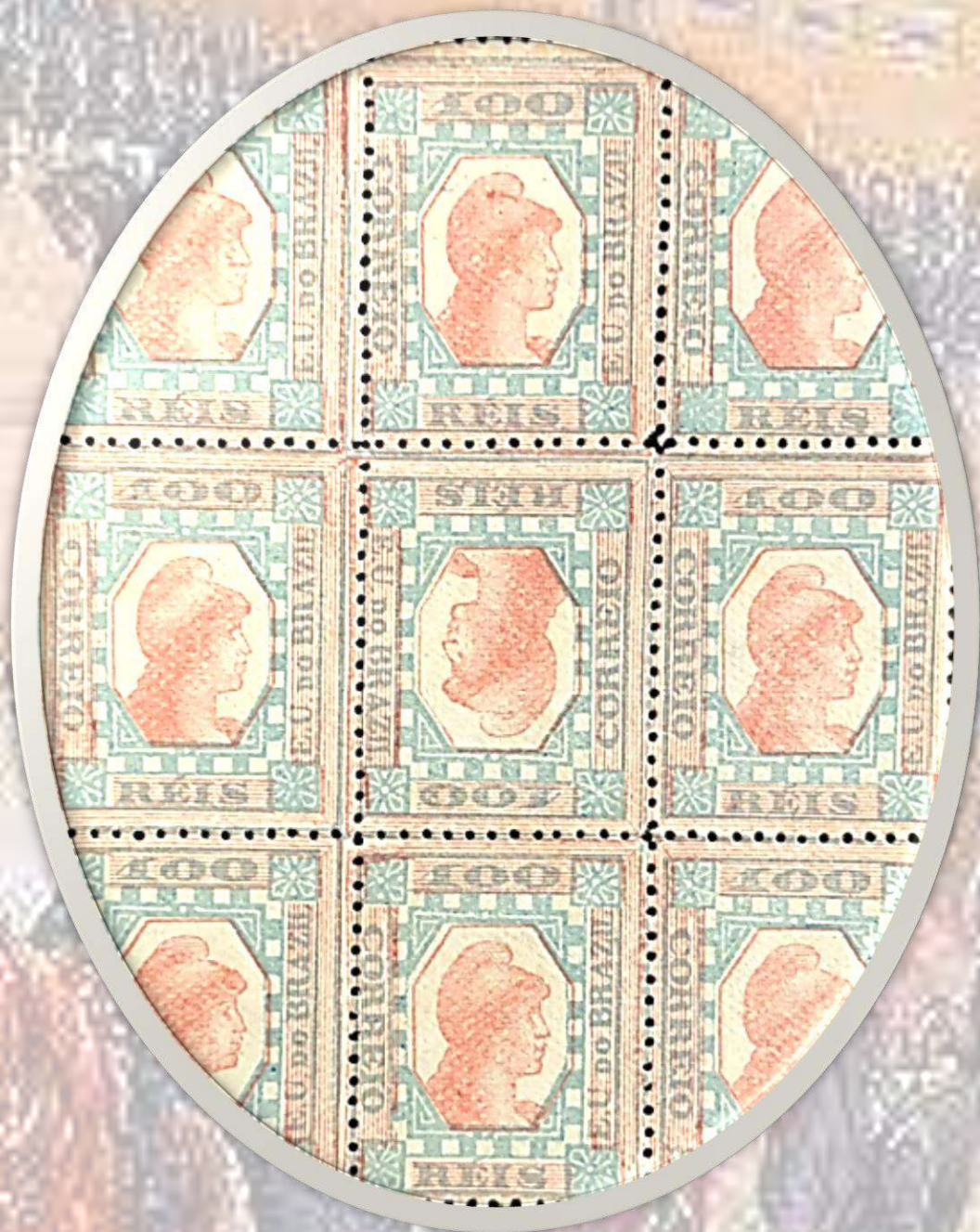
FILABRAS - <https://filabras.org/>

Outras Fontes de Consulta:

- A Filatelia Brasileira nº 17, artigo de Ken Deaver
- Catálogo Antunes, Especializado: 1983
- Catálogo RHM: 1989/90 e 2019
- Coleção Particular
- Vade Mecum da Filatelia 2ª edição, de Cristian Molina

Sites:

- Beto Asseff Leilões <https://www.betoasseff.com.br/>
- BH Filatelia e Numismática <https://leiloes.filatelicabh.com.br/>
- Filatelia Bernardi <http://filateliabernardi.blogspot.com/>
- Leilões BR <https://leiloesbr.com.br/>
- Loja de Selos <https://www.lojadeselos.com.br/>
- O Selo <https://www.oselo.com.br/>
- Roberto Aniche Filatelia <https://robertoaniche.com.br/>



FILATELISTA
JOÃO
SANCHES